

MINISTÉRIO DA CULTURA, ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO
DA SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA
CRIATIVAS, FUNDAÇÃO OSESP E BRADESCO APRESENTAM

|o|s|e|s|p|

Orquestra
Sinfônica do Estado
de São Paulo

Osesp
celebra

Cinema
brasileiro

Revista

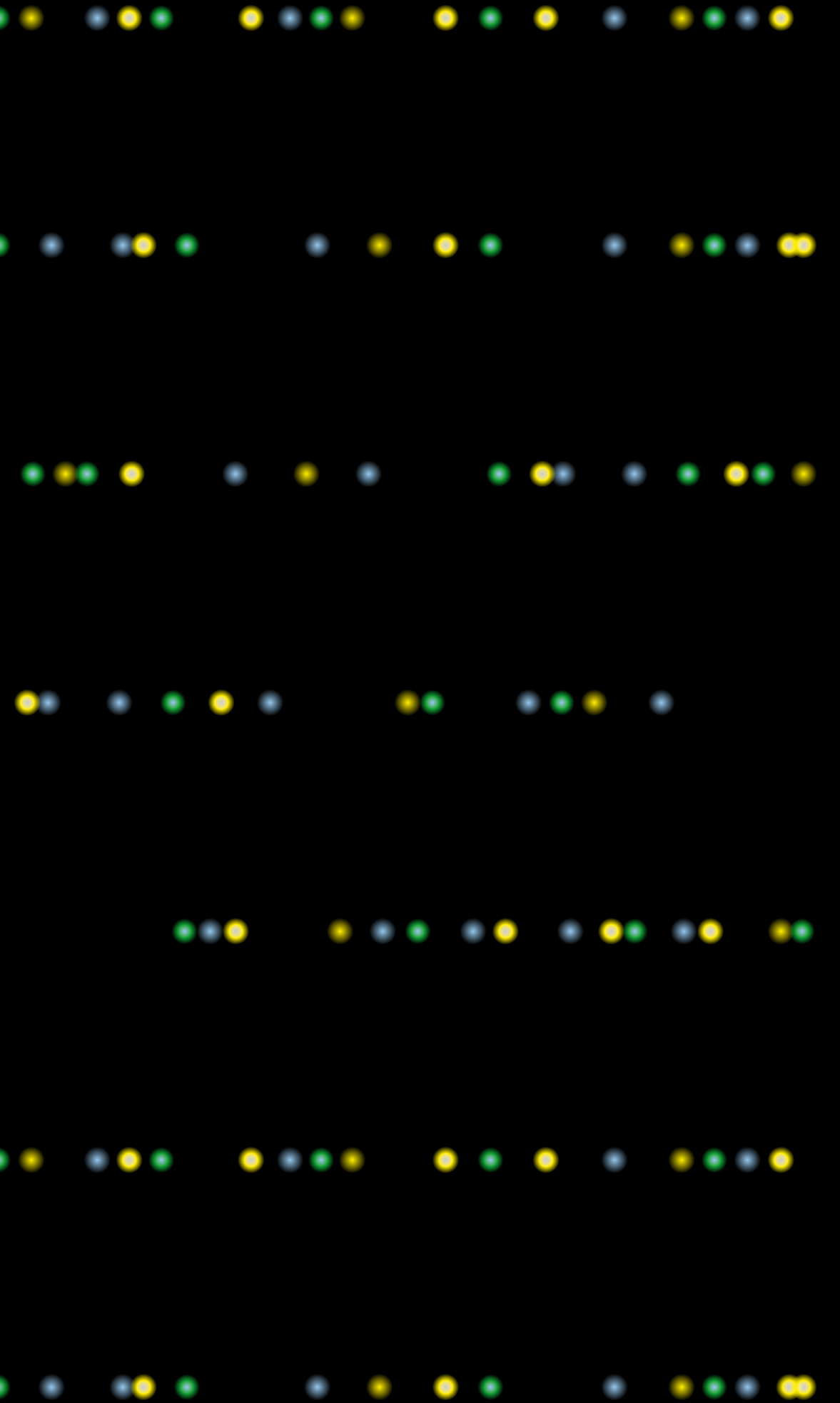
Uirapuru

13, 14 e 15 de agosto

2026

São Paulo

Ano 1 – nº 35



13 de agosto quinta-feira 20h	14 de agosto sexta-feira 20h	15 de agosto sábado 16h30
--	---	--

Sala São Paulo	Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp Coro Acadêmico da Osesp Coro Madrigal da Escola Municipal de Música Wagner Polistchuk regente Aílton Graça ator Júlia Sanchez atriz e cantora Rodrigo Mancusi ator e cantor Bia Malamud pesquisa histórica Gabriela Lemos dramaturgia Tatiana Polistchuk direção geral
-------------------------------	--

	GILSON SANTOS 1977	<i>Abertura Osesp – Sobre o tema da fanfarra de Lo Schiavo, de Carlos Gomes</i> 2026 1 minuto
	HEITOR VILLA-LOBOS 1887–1959	<i>Suíte nº 1: Seleção</i> [Arr. de Wagner Polistchuk] 1937 3 minutos  O descobrimento do Brasil [1937].
	VADICO GENÉSIO ARRUDA 1910–1962 1929 1 minuto 1898–1967	<i>Deixei de ser otário</i> [Arr. de Paulo Galvão Filho] 1929 1 minuto  Acabaram-se os otários [1929].
	ERIK SATIE 1866–1925	<i>Gymnopedie nº 1 — Lent et grave</i> [Arr. de Wagner Polistchuk] 1888 2 minutos  Limite [1931].

- RADAMÉS
GNATTALI
1906–1988
Tema de Ganga bruta [Arr. de Rodrigo Morte]
1931
3 minutos
 **Ganga bruta [1931].**
- ANÔNIMO;
ATRIBUÍDO
A VIRGULINO
FERREIRA DA SILVA
1900–1938
Mulher rendeira
[Arr. de Paulo Galvão Filho]
1953
2 minutos
 **O cangaceiro [1953].**
- LYRIO
PANICALLI
1906–1984
Carnaval no fogo: Abertura
1949
1 minuto
 **Carnaval no fogo [1949].**
- NIKOLAI
RIMSKY-
-KORSAKOV
1844–1908
Grande abertura da Páscoa russa
1887–1888
2 minutos
 **Carnaval no fogo [1949].**
- LYRIO
PANICALLI
1906–1984
Carnaval Atlântida: Abertura
1952
1 minuto
 **Carnaval Atlântida [1952].**
- MATIAS DA
ROCHA
1864–S.D.
JOANA BATISTA
RAMOS
1878–1952
Vassourinhas [Arr. de Gilson Santos]
1909
2 minutos
 **Carnaval Atlântida [1952].**
- SÉRGIO
RICARDO
1932–2020
Deus e o diabo na terra do sol: Abertura
(Discurso de Sebastião)
[Arr. de Paulo Galvão Filho]
1964
1 minuto
 **Deus e o diabo na terra do sol [1964].**
- HEITOR
VILLA-LOBOS
1887–1959
Magnificat Alleluia [Arr. de Wagner Polistchuk]
1958
1 minuto
 **Deus e o diabo na terra do sol [1964].**

SÉRGIO RICARDO
1932–2020

O Sertão vai virar mar
[Arr. de Paulo Galvão Filho]
1964
1 minuto
 **Deus e o diabo na terra do sol [1964].**

GABRIEL MIGLIORI
1906–1975

*O pagador de promessas:
Abertura* [Arr. de Rodrigo Morte]
1962
3 minutos
 **O pagador de promessas [1962].**

ZÉ KETI
1921–1999

A voz do morro (Eu sou o samba)
[Arr. de Rafael Rocha]
1955
3 minutos
 **Rio 40 graus [1955].**

CHICO BUARQUE
1944

Bye bye Brasil [Arr. de Rafael Rocha]
1979
4 minutos
 **Bye bye Brasil [1979].**

CAETANO VELOSO
1942

A luz de Tieta [Arr. de Rafael Rocha]
1986
3 minutos
 **Tieta do Agreste [1996].**

TOM JOBIM
1927–1994

Tema de amor de Gabriela
[Arr. de Paulo Galvão Filho]
1983
1 minuto
 **Gabriela [1983].**

ANTONIO PINTO
1967
JACQUES MORELENBAUM
1954

A carta de Dora
1998
3 minutos
 **Central do Brasil [1998].**

Intervalo de 20 minutos

GILSON SANTOS	<i>Vinheta — Parte 2</i>
1977	2026
	1 minuto
GAÓ GURGEL	<i>As aventuras da Turma da Mônica: Abertura</i>
1909–1992	[Arr. de Gilson Santos]
MAURICIO DE SOUZA	1982
1935	2 minutos
	 As aventuras da Turma da Mônica [1982].
ELIO LATINI	<i>Jabuti</i> [Arr. de Paulo Galvão Filho]
1929—2002	1953
MURILO LATINI	1 minuto
1913—1970	 Sinfonia amazônica [1953].
VICENTE SÁLVIA	<i>Tema de Cassiopeia</i> [Arr. de Rodrigo Morte]
1942–2012	1996
	2 minutos
	 Cassiopeia [1996].
SÉRGIO CAMPELO	<i>Filho de chocadeira (Tema do diabo); Mãe dos homens (Tema da Compadecida); Presepada (Tema de João Grilo)</i> [Arr. de Sérgio Campelo]
1962	1999
	4 minutos
	 O auto da Compadecida [2000].
ANTÔNIO CANDEIA FILHO	<i>Preciso me encontrar</i>
1935–1978	[Arr. de Paulo Galvão Filho]
	1976
	1 minuto
	 Cidade de Deus [2002].
JOSÉ ACCIOLY CAVALCANTE NETO	<i>Espumas ao vento</i> [Arr. de Gilson Santos]
1950–2000	1996
	2 minutos
	 Lisbela e o prisioneiro [2003].
MATEUS ALVES	<i>O pesadelo do menino</i> [Arr. de Mateus Alves]
1982	2024
TOMAZ ALVES SOUZA	1 minuto
1978	 O agente secreto [2025].

MATEUS ALVES	<i>Tema de</i> O agente secreto
1982	[Arr. de Mateus Alves]
TOMAZ ALVES	2024
SOUZA	2 minutos
1978	 O agente secreto [2025].
MATEUS ALVES	<i>Bacurau: Tema e Nighthawk</i>
1982	[Arr. de Mateus Alves]
TOMAZ ALVES	2019
SOUZA	2 minutos
1978	 Bacurau [2019].
ERASMO	<i>É preciso dar um jeito, meu amigo</i>
CARLOS	[Arr. de Gilson Santos]
1941–2022	1971
	2 minutos
	 Ainda estou aqui [2025].

OSESP CELEBRA: CINEMA BRASILEIRO

As histórias da música e do cinema no Brasil se cruzam antes mesmo do surgimento dos filmes sonorizados. Na primeira década do século XX, quando o cinema surgiu no centro do Rio de Janeiro, a música popular também vivia um momento decisivo. Foi nesse período que o choro se consolidou como um gênero caracteristicamente nacional, resultado da fusão de danças de salão de origem europeia e ritmos de matriz africana.

O primeiro contato de muitos cariocas com essa nova linguagem se deu na sala de espera do Cine Odeon, onde Ernesto Nazareth [1863–1934] tocava ao piano suas polcas e seus tangos sincopados. Entre o público, estava o jovem Villa-Lobos [1887–1959], que não demoraria a se envolver com a sétima arte: em *O descobrimento do Brasil* [1937], baseado na Carta de Pero Vaz de Caminha, todos os episódios entre a partida das caravelas de Pedro Álvares Cabral e a celebração da primeira missa na costa da Bahia são acompanhados por quatro suítes compostas por Villa-Lobos especialmente para o filme. O compositor também assinou a direção musical, interpretada pela Grande Orchestra Symphonica e por 100 vozes do Orpheão de Professores do Distrito Federal. Aprovado pela censura em dezembro de 1937, estreou no Rio de Janeiro, no mesmo ano. A cópia atualmente preservada resulta de um processo de restauração e remasterização realizado em 1997 pelo CTAv/Funarte, a partir de um contratipo recuperado pela Cinemateca Brasileira; devido à perda de parte do material original, a versão sobrevivente é mais curta que a montagem originalmente exibida, estimada em cerca de 90 minutos.

O descobrimento do Brasil é um longa de ficção dramática [dur. 80 m]. Produzido pelo Instituto de Cacau da Bahia (ICB), pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) e pelo Ministério da Educação e Saúde, o filme tem direção e roteiro de Humberto Mauro, argumento deste e de Afonso Taunay, e diálogos de Bandeira Duarte. A direção de fotografia é assinada por Humberto Mauro, Alberto Botelho, Alberto Campiglia e Manoel Ribeiro; a cenografia, por Bernardino José de Souza e Arnaldo Rosenmayer. Filmado entre 1936 e 1937, conta com diálogos, narração, intertítulos e cartelas em português e tupi. O elenco principal reúne Álvaro Costa (Pedro Álvares Cabral), Manoel Rocha (Pero Vaz de Caminha), Alfredo Silva (Frei Henrique de Coimbra), João de Deus (Aires Correa), Reginaldo Calmon (Aracati) e Arthur de Oliveira (Pero Escobar).



CINEMA MUDO TARDIO E PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SONORAS NO BRASIL

A chegada do cinema falado pôs fim à execução de música ao vivo durante as projeções; no entanto, por outro lado, apertou ainda mais o nó entre as duas artes. O primeiro longa-metragem nacional sonorizado, *Acabaram-se os otários* [1929], é estruturado em torno de números musicais, e a trama acompanha as desventuras de Bentinho Samambaia, um caipira, e Xixilo Spicafuoco, um imigrante italiano, que chegam a São Paulo em busca de oportunidades. Depois de comprarem um bonde e serem enganados em um cabaré, ambos retornam desiludidos ao interior. Além de canções compostas especialmente para o filme, como o samba *Deixei de ser otário*, de Vadico [1910–1962], sua trilha contava com canções que já eram sucesso nas rádios. Nascia ali um circuito em que cinema, rádio e indústria fonográfica passavam a promover-se mutuamente. Essa aliança com os astros da música permitiu ao cinema brasileiro disputar espaço em um mercado cada vez mais dominado por Hollywood. *Acabaram-se os otários* empregou um sistema de sincronização entre imagem e discos

fonográficos — tecnologia que antecedeu a consolidação da trilha sonora óptica no cinema nacional —, constituindo um marco na história do cinema brasileiro.



Acabaram-se os otários é um longa-metragem dos gêneros comédia e musical. Realizado pela Sincrocine, sob produção de Victor del Picchia, o filme tem direção, roteiro, montagem e cenografia de Luiz de Barros, com argumento de Menotti del Picchia e Luiz de Barros. A fotografia é de José del Picchia e a sonografia de Moacir Fenelon. Com sistema de som sincronizado por discos, foi produzido em São Paulo, em 1929, incluindo filmagens no salão do Moulin d'Or. O elenco principal reúne Genésio Arruda (Bentinho Samambaia), Tom Bill (Xixilo Spicafuoco), Vincenzo Caiaffa, Rina Weiss, Paraguaçu, Gina Bianchi, Margareth Edwards, Miss Florinda e Assucena Fonseca.



Limite é um longa experimental e dramático [dur. 120 min]. A fotografia é de Edgar Brazil e a montagem de Mário Peixoto e Edgar Brazil. Filmado em 1930 em Mangaratiba, Rio de Janeiro, estreou em pré-lançamento em 1931, no Capitólio, em sessão especial para o Chaplin Club, no Rio de Janeiro. O elenco principal é formado por Olga Breno, Taciana Rei, Raul Schnoor, Brutus Pedreira, Carmen Santos e Mário Peixoto. Em 2008, foi incluído pelo Programa Memória do Mundo da UNESCO como patrimônio protegido no âmbito da América Latina e Caribe.

Em *Limite* [1931], temos um tema, uma situação e três histórias: a ânsia do homem pelo infinito e sua derrota, representada por três naufragos em um barco no oceano, que narram mutuamente suas trajetórias marcadas por fuga, solidão e desespero. Com produção, direção, roteiro e argumento de Mário Peixoto, é considerado uma das obras fundamentais do cinema brasileiro. A seleção musical para o filme silencioso, realizada por Brutus Pedreira, inclui obras de Erik Satie [1866–1925], Claude Debussy [1862–1918], Alexander Borodin [1833–1887], Maurice Ravel [1875–1937], Igor Stravinsky [1882–1971], César Franck [1822–1890] e Sergei Prokofiev [1891–1953]. O filme teve circulação restrita em seu período inicial, mas foi posteriormente restaurado e reconhecido internacionalmente.

Em *Ganga bruta* [1933], a trilha orquestral de Radamés Gnattali [1906–1988] tece comentários sobre o estado psicológico das personagens: a trama acompanha Marcos Rezende, um engenheiro que, na noite de seu casamento, assassina a esposa ao descobrir que ela não era virgem. Absolvido pela Justiça, muda-se para o interior para dirigir a construção de uma fábrica, onde se envolve com Sônia, desencadeando uma sucessão de conflitos marcados por culpa, desejo, violência e redenção. Embora classificado como filme silencioso, incorpora música, ruídos e trechos falados sincronizados. Hoje reconhecido como um marco do cinema brasileiro, *Ganga bruta* foi inicialmente recebido com frieza pelo público, mas acabou sendo reavaliado pelas gerações seguintes em razão de sua linguagem cinematográfica inovadora, da expressividade de sua fotografia e da complexidade psicológica de seus personagens.



Ganga Bruta é um longa-metragem do gênero drama [dur. 82 min]. Produzido pela Cinédia Estúdios Cinematográficos Ltda., sob produção de Adhemar Gonzaga, o filme tem direção e roteiro de Humberto Mauro, a partir de argumento de Octávio Gabus Mendes. A direção de fotografia é de Afrodísio Pereira de Castro, com câmeras operadas por Paulo Morano e Edgar Brasil; a cenografia é do próprio Humberto Mauro, e a trilha musical reúne composições e arranjos de Radamés Gnattali e Jorge Bichara [1909-1976], além da canção-título de Joracy Camargo [1898-1973] e Heckel Tavares [1896-1969]. Filmado entre 1931 e 1932, no Rio de Janeiro, foi aprovado pela censura em maio de 1933, e estreou simultaneamente no Rio de Janeiro e em São Paulo. O elenco principal reúne Durval Bellini (Marcos Rezende), Déa Selva (Sônia), Lu Marival (esposa de Marcos), Décio Murillo, Andréa Duarte, Alfredo Nunes e Ivan Villar.

CHANCHADAS E CONSOLIDAÇÃO DA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA

Entre 1930 e 1950, a chanchada tornou-se o primeiro gênero de grande sucesso comercial do cinema brasileiro e desempenhou papel decisivo na consolidação de uma indústria cinematográfica nacional. Produzidas em ritmo intenso por estúdios como a Atlântida Cinematográfica, essas comédias musicais articulavam humor popular, números musicais, carnaval, rádio e teatro de revista, dialogando com o imaginário urbano do Rio de Janeiro. Em um mercado dominado pelos grandes estúdios de Hollywood, as chanchadas representaram uma forma de afirmação cultural: apropriavam-se das convenções dos musicais e das comédias norte-americanas para parodiá-las, tropicalizá-las e satirizar seus clichês, substituindo o glamour hollywoodiano por personagens, sotaques e situações reconhecíveis pelo público brasileiro.



Carnaval no fogo, dos gêneros comédia e musical [dur. 110 min], foi produzido pela Atlântida Empresa Cinematográfica do Brasil S.A. O filme tem direção de Watson Macedo, argumento de Anselmo Duarte e roteiro de Watson Macedo e Alinor Azevedo. A direção de fotografia é de George Dusek, a sonografia de Sílvio Rabello e os arranjos musicais de Panicall. Realizado em 35 mm, preto e branco e sonoro, foi produzido no Rio de Janeiro em 1949. Recensurado em 1963, o filme foi distribuído pela Columbia Pictures e pela União Cinematográfica Brasileira (UCB). O elenco principal reúne Oscarito (Serafim), Grande Otelo (empregado do hotel), Anselmo Duarte (Ricardo), Eliana (Marina), José Lewgoy (Anjo, chefe dos ladrões), Modesto de Souza, Geraldo Gamboa e Francisco Dantas.

Filmes como *Carnaval no fogo* [1949], de Watson Macedo, colocam lado a lado a paródia dos clichês hollywoodianos e o elogio da potência criativa da música popular. A trama acompanha Ricardo, diretor artístico de um hotel, onde uma quadrilha de criminosos se hospeda à espera de seu misterioso chefe. Uma cigarreira torna-se a chave para identificá-lo, mas uma série de mal-entendidos faz com que Anselmo, um dos empregados do hotel, seja confundido com o líder dos bandidos, desencadeando sucessivas situações cômicas até a chegada da polícia. O filme consagrou a parceria cômica entre Oscarito e Grande Otelo, combinando humor farsesco, números musicais e referências paródicas ao cinema internacional, e diálogos com grandes clássicos, como a *Grande abertura da Páscoa russa*, de Nikolai Rimsky-Korsakov [1844–1908].

Carnaval Atlântida [1952], de José Carlos Burle, um dos grandes clássicos da Atlântida e da chanchada brasileira, tornou-se célebre por sua sátira ao cinema de pretensões épicas e por defender uma produção cinematográfica voltada à cultura popular brasileira, reunindo alguns dos mais memoráveis números musicais do gênero. A história acompanha os malandros Piro e Miro, que tentam vender a um produtor a

Carnaval Atlântida, dos gêneros comédia e musical [dur. 92 min], foi produzido pela Atlântida Empresa Cinematográfica do Brasil S.A. O filme tem direção de José Carlos Burle, argumento de Berliet Jr. e Victor Lima, e roteiro de José Carlos Burle, Berliet Jr. e Victor Lima. A direção de fotografia é de Amleto Daissé, a cenografia de Martim Gonçalves e Pablo Olivo, os figurinos de Gilda Bastos e Osvaldo Mota. Os números musicais foram idealizados e dirigidos por Carlos Manga. Produzido no Rio de Janeiro em 1952 e recensurado em 1960 para relançamento, o filme foi distribuído pela União Cinematográfica Brasileira (UCB). O elenco principal reúne Oscarito (professor Xenofontes), Grande Otelo (Miro), Colé (Piro), Cyll Farney (Augusto), Eliana (Regina), José Lewgoy (Conde de Verdura), Renato Restier (Cecílio B. de Milho), Wilson Grey e Iracema Vitória.



ideia de uma chanchada carnavalesca. Recusados, acabam como faxineiros nos estúdios, onde passam a se envolver em uma sucessão de disfarces, confusões e intrigas amorosas que culminam na realização de um filme muito diferente daquele inicialmente planejado. Em tom metalinguístico, a narrativa contrapõe a ambição de produzir um épico sobre Helena de Troia ao espírito irreverente da chanchada brasileira. A sequência final, embalada pelo frevo *Vassourinhas*, é uma das expressões mais acabadas do desejo do cinema brasileiro de incorporar a irreverência da música popular. A direção musical e a partitura são de Lírio Panicali [1906–1984], contando com participações musicais de artistas como Dick Farney [1921–1987], Francisco Carlos [1928–2003], Blecaute [1919–1983], Maria Antonieta Pons [1922–2004] e da Orquestra de Chiquinho.

CINEMA NOVO E PRODUÇÕES SOCIALMENTE ENGAJADAS

Com o Cinema Novo, a intenção de criticar as contradições da sociedade brasileira resultou em trilhas acentuadamente heterogêneas, nas quais fragmentos de batuques se chocam com excertos sinfônicos, toadas sertanejas e canções pop.

Assim, em *Deus e o diabo na terra do sol* [1964], ouvimos composições de Villa-Lobos e canções originais de Sérgio Ricardo [1932–2020] com letra do próprio Glauber Rocha. A narrativa acompanha Manuel, um vaqueiro que se revolta contra a exploração do coronel Moraes e, após matá-lo em uma briga, foge com sua esposa Rosa. O casal encontra refúgio junto aos seguidores do beato Sebastião, que anuncia a libertação do sofrimento por meio de um catolicismo místico e ritual, enquanto o matador de aluguel Antônio das Mortes extermina os seguidores do beato. Considerado uma das obras fundamentais do Cinema Novo, consolidou a projeção internacional de Glauber Rocha ao articular elementos do sertão brasileiro, do messianismo, do cangaço e da luta de classes em uma linguagem cinematográfica marcada pela alegoria política e pela experimentação estética. Recebeu o Prêmio Náiaide de Ouro no Festival do Cinema Livre de Porretta Terme, em 1964, e o Prêmio Especial do Júri no Festival de Acapulco, em 1966.

Deus e o diabo na terra do sol é um drama rural [dur. 118 min] realizado pela Copacabana Filmes, com produção de Luiz Augusto Mendes, tem direção, argumento e roteiro de Glauber Rocha, com roteiro também de Walter Lima Jr. A fotografia é de Waldemar Lima e a direção de arte de Paulo Gil Soares. Filmado em 1963, em Monte Santo, Salvador, Feira de Santana e Canudos (Fazenda do Cocorobô), na Bahia, possui no elenco principal Geraldo Del Rey (Manuel), Yoná Magalhães (Rosa), Othon Bastos (Corisco), Maurício do Valle (Antônio das Mortes), Lídio Silva (Sebastião) e Sônia dos Humildes (Dadá).



Baseado na peça homônima de Dias Gomes, *O pagador de promessas*, de 1962, acompanha Zé do Burro, um lavrador que percorre o caminho do sertão baiano até Salvador carregando uma pesada cruz para cumprir uma promessa feita pela cura de seu burro de estimação. Ao chegar à Igreja de Santa Bárbara, porém, é impedido pelo padre Olavo, que rejeita a promessa por ter sido realizada em um terreiro de candomblé. A obstinação de Zé desencadeia um conflito entre fé popular, intolerância religiosa, interesses políticos e exploração midiática, transformando-o involuntariamente em um símbolo de resistência. A trilha musical original de *O pagador de promessas*, composta por Gabriel Migliori [1906–1975], acompanha o percurso dramático com uma escrita de forte caráter narrativo, ressaltando tanto a dimensão humana quanto a carga simbólica e religiosa da história. Único filme brasileiro a conquistar a Palma de Ouro no Festival de Cannes, em 1962, *O pagador de promessas* também recebeu inúmeros prêmios internacionais e nacionais e foi indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, consolidando-se como um dos maiores marcos da história do cinema brasileiro.



O pagador de promessas é um longa-metragem de ficção, do gênero drama [dur. 96 min]. Produzido pela Cinedistri - Companhia Produtora e Distribuidora de Filmes Nacionais, em coprodução com Anselmo Duarte, o filme tem produção de Oswaldo Massaini, direção e roteiro de Anselmo Duarte, com diálogos de Dias Gomes. A direção de fotografia é de Chick Fowle, a direção de arte e cenografia de José Teixeira de Araújo, a montagem de Carlos Coimbra e a trilha musical de Gabriel Migliori. Aprovado pela Censura Federal, com classificação para maiores de 10 anos, estreou em 1962, no Cine Art-Palácio, em São Paulo; ainda naquele ano, sua classificação indicativa foi elevada para 14 e, posteriormente, para 16 anos. O elenco principal reúne Leonardo Villar (Zé do Burro), Glória Menezes (Rosa), Dionísio Azevedo (padre Olavo), Geraldo Del Rey (Bonitão), Roberto Ferreira (Dedé), Norma Bengell (Marly), Othon Bastos (jornalista) e Antonio Pitanga (Mestre Côca).

Em *Rio 40 graus*, de 1955, de Nelson Pereira dos Santos, cinco vendedores de amendoim percorrem pontos turísticos do Rio de Janeiro, como Copacabana, Pão de Açúcar, Corcovado, Quinta da Boa Vista e Maracanã, em um domingo de intenso calor, revelando as dificuldades e esperanças da população humilde. Ao fim do dia, a alegria coletiva se manifesta durante o ensaio geral das escolas de samba. O filme se vale tanto de *A voz do morro* (Eu sou o samba), de Zé Ketí [1921–1999], quanto da trilha orquestral de Radamés Gnattali como fios condutores. A obra recebeu diversos prêmios, entre eles o de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator (Jece Valadão) e Melhor Argumento no Festival de Cinema do Distrito Federal de 1956. Inicialmente censurado, o filme só teve sua exibição liberada em 31 de dezembro de 1955.



Rio 40 graus é um longa-metragem brasileiro de drama [dur. 90 min]. Produzido pela Equipe Moacyr Fenelon, tem direção, argumento e roteiro de Nelson Pereira dos Santos. A fotografia é de Hélio Silva, a direção de arte (cenografia) de Julio Romiti e Adrian Samoiloff, e a música de Radamés Gnattali. Filmado no Rio de Janeiro, possui no elenco principal Modesto de Souza, Roberto Batalin, Jece Valadão, Ana Beatriz, Glaucê Rocha, Cláudia Moreno, Carlos Moutinho e Hilda Moura, além da participação dos pequenos vendedores de amendoim Edison Vitoriano e Nilton Apolinário.

CRISE, REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA E RETOMADA DO CINEMA NACIONAL

O diálogo entre as artes continuou nas gerações seguintes, como atestam *Bye bye Brasil*, *A luz de Tieta* e *Tema de amor de Gabriela* — clássicos da MPB que nasceram como parte da trilha de clássicos do cinema nacional. Em *Bye bye Brasil*, de 1979, uma trupe de artistas ambulantes percorre o interior do Brasil com a Caravana Rolidei, um caminhão que transporta suas atrações — Salomé, a Rainha da Rumba; Lorde Cigano, o Imperador dos Mágicos e dos Videntes; e Andorinha, o Rei dos Músculos. Durante a viagem, a caravana acolhe o

sanfoneiro Ciço e sua esposa Dasdô, vivendo encontros, amores e transformações diante das paisagens e das mudanças do país. Selecionado para a mostra competitiva do Festival de Cannes de 1980 e representante brasileiro no Festival de Cinema de Nova York de 1980, o filme tornou-se uma das obras marcantes da fase de renovação do cinema brasileiro, ao retratar, em tom de aventura e crítica social, o choque entre tradições populares e os processos de modernização do país no final dos anos 1970.

Bye bye Brasil é um longa-metragem brasileiro de aventura [dur. 110 min]. Realizado pela Produções Cinematográficas L. C. Barreto Ltda., com produção de Lucy Barreto e Luiz Carlos Barreto, tem direção e roteiro de Carlos Diegues, a partir de argumento do próprio diretor. A fotografia é de Lauro Escorel Filho, a direção de arte, cenografia e figurinos de Anísio Medeiros e direção musical de Roberto Menescal, com música-tema de Dominginhos, Chico Buarque e Roberto Menescal. Filmado nos estados de Alagoas, Pernambuco, Pará, Amazonas, Distrito Federal e Rio de Janeiro – incluindo Altamira, Belém, Piranhas, Entremontes, Maceió, Caruaru, Brasília, os rios Xingu, Amazonas e São Francisco – estreou em São Paulo em 1980. O elenco principal é formado por José Wilker (Lorde Cigano), Betty Faria (Salomé), Fábio Jr. (Ciço), Zaira Zambelli (Dasdô), Nabor (Andorinha), Emanuel Cavalcanti e Jofre Soares, entre outros.



Ambientado na fictícia cidade de Sant'Ana do Agreste, no sertão baiano, *Tieta do Agreste* [1996] acompanha o retorno de Tieta, que, após ser expulsa da cidade natal pelo pai, volta 26 anos depois rica e poderosa, confrontando os costumes conservadores do lugar e os segredos que envolvem sua família. Baseado no romance de Jorge Amado, tem direção de Cacá Diegues e fotografia de Edgar Moura. Com produção musical de Jaques Morelenbaum, a trilha sonora, inteiramente composta por Caetano Veloso, inclui a canção *A luz de Tieta*, interpretada em dueto pelo compositor e Gal Costa.

Tieta do Agreste é um longa-metragem de dramédia e romance, filmado no povoado de Picado, no município de Conceição do Jacuípe, interior da Bahia. O elenco principal é formado por Sônia Braga, Marília Pêra, Cláudia Abreu, Zezé Motta, Chico Anísio, Jece Valadão, Leon Góes e Heitor Martinez. O filme marcou a terceira interpretação de Sônia Braga de uma personagem de Jorge Amado no cinema e na televisão, após Gabriela e Dona Flor, e foi selecionado para representar o Brasil na categoria de Melhor Filme Estrangeiro no Oscar de 1997.

O romance de *Gabriela*, uma jovem brasileira de beleza e personalidade marcantes, e Nacib Saad, o sírio-italiano dono do Bar Vesúvio, desenvolve-se em Ilhéus, na Bahia, durante a chegada de imigrantes em busca de trabalho na região do cacau. Ao contratar Gabriela como cozinheira, Nacib descobre seus encantos, mas enfrenta o conflito entre o desejo por sua liberdade e a tentativa de integrá-la às convenções sociais do casamento. Baseado em uma das obras mais conhecidas de Jorge Amado, o filme integra a produção brasileira dos anos 1980 marcada por coproduções internacionais e adaptações de grandes obras da literatura nacional para o cinema.

Gabriela é um longa brasileiro-estadunidense de drama [dur. 102 min]. Produzido por Sultana Corporation, Metro e UIP – United International Pictures, tem direção de Bruno Barreto, e roteiro de Bruno Barreto e Leopoldo Serran a partir do romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado. A fotografia é de Carlo Di Palma, a direção de arte de Hélio Eichbauer e a música de Antônio Carlos Jobim e Nelson Motta, com Antônio Carlos Jobim e Gal Costa como intérpretes. Filmado em Parati (RJ) e Garopaba (SC), estreou em São Paulo no circuito formado pelos cinemas Ipiranga 1, Astor, Metro I, Gemini 2 e Paramount 4. O elenco principal é formado por Sônia Braga (Gabriela), Marcello Mastroianni (Nacib), Antônio Cantáfora (Tonico Bastos), Paulo Goulart (Coronel), Nelson Xavier (Capitão), Nuno Leal Maia (Engenheiro), Fernando Ramos (Tuisca), Nicole Puzzi (Malvina) e Tânia Bôscoli (Glória).



Em *Central do Brasil* [1998], Dora, ex-professora, escreve cartas para analfabetos na estação de trens Central do Brasil, no Rio de Janeiro, cobrando uma pequena quantia pelo serviço, mas nem sempre enviando as mensagens. Entre as cartas guardadas está a de Ana, que deseja reencontrar o pai de seu filho Josué; após a morte inesperada da mãe, Dora e o menino viajam pelo Brasil em busca desse reencontro, em um percurso marcado pela descoberta da humanidade e dos vínculos entre os dois. O filme recebeu importantes prêmios internacionais, incluindo o Urso de Ouro de Melhor Filme e o Urso de Prata de Melhor Atriz para Fernanda Montenegro no Festival de Berlim de 1998, além de ter conquistado o Globo de Ouro de Melhor Filme em Língua Estrangeira em 1999 e o prêmio de Melhor Filme em Língua Não Inglesa no BAFTA Awards de 1999.

Central do Brasil é um longa-metragem de drama [dur. 112 min]. Produzido por Videofilmes, Riofilme, MACT Productions, E.S.R. Films Ltd. e Cinematográfica Superfilmes, tem direção de Walter Salles Jr., roteiro de João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein. A fotografia é de Walter Carvalho, a direção de arte de Cássio Amarante e Carla Caffé e a música de Antonio Pinto e Jacques Morelenbaum. Filmado em 1997 em locações no Rio de Janeiro e no Nordeste, estreou no Rio de Janeiro, em 1998. O elenco principal é formado por Fernanda Montenegro (Dora), Vinicius de Oliveira (Josué), Marília Pêra (Irene), Othon Bastos (César), Matheus Nachtergaele (Isaías) e Sôia Lira (Ana).



PRODUÇÃO ANIMADA NACIONAL AO LONGO DO SÉCULO XX

A animação brasileira do século XX construiu uma trajetória marcada pela inventividade técnica, pela persistência de seus realizadores e pela busca de uma linguagem própria. Entre experiências pioneiras, adaptações de personagens consagrados da cultura nacional e o pioneirismo na animação digital, seus longas-metragens testemunham como em diferentes momentos da história do cinema brasileiro, foram capazes de superar os limites tecnológicos e industriais de cada época.

As aventuras da Turma da Mônica

[dur. 75 min] foi produzido pela Black & White & Color e pela Mauricio de Sousa Produções, com distribuição da Embrafilme, direção de Mauricio de Sousa, e roteiro de Mauricio de Sousa e Reinaldo Waisman. A fotografia é de Pio Zamuner, com cinematografia assinada por José Reinaldo Barbirato e Renato Bassani. O elenco principal é formado por Mauricio de Sousa, Maria Amélia Manso Basile, Ivete Jayme, Isaura Gomes, Sílvia Cordeiro Marinho, Orlando Viggiani Filho, Denise Simonetto, Eleu Salvador e Araken Saldanha.

As aventuras da Turma da Mônica [1982] apresenta quatro histórias protagonizadas pelos personagens do consagrado quadrinho, interligadas pela participação de Mauricio de Sousa em live-action, interpretando a si mesmo. A música é de Mauricio de Sousa, Gaó Gurgel, Márcio de Sousa e Eduardo Leão Waisman, com trilha instrumental de Remo Usai, responsável pelos arranjos, regência e direção musical. Primeiro filme baseado na *Turma da Mônica* e quarto longa-metragem de animação da história do cinema brasileiro, marcou a estreia da franquia nos cinemas e tornou-se a animação brasileira de maior público da história do país, com mais de 1 milhão de espectadores segundo dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine). Em 2017, foi eleito pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como a 12ª melhor animação brasileira de todos os tempos.

Sinfonia Amazônica [1953] reúne sete lendas amazônicas — “lenda da noite”, “lenda da formação do Rio Amazonas”, “lenda do fogo”, “lenda da Caapora”, “lenda do Jabuti e da Onça”, “lenda da Iara” e “lenda do Arco-Íris” — interligadas pela trajetória do menino Curumi, que tem um boto como companheiro de aventura. A música reúne arranjos musicais de Homero Dornelles, com trechos de obras de Schubert, Wagner, Rossini, Liszt, Mendelssohn e Gluck, além de canções de Elio Latini e Alfredo Passidomo; conta ainda com a participação de Altamiro Carrilho na flauta no choro “Jabuti”. Primeiro longa-metragem de animação realizado no Brasil, o filme teve produção de cinco anos, iniciada em 1947 e concluída em 1952. Anélio Latini Filho realizou sozinho cerca de 500 mil desenhos para compor a animação. A obra recebeu a Menção Especial do Prêmio O Índio, da Revista Jornal de Cinema, em 1953, e a Menção Especial do Prêmio Saci, em 1954.

Sinfonia Amazônica, produzido pela Latini Studio Ltda., tem direção de Anélio Latini Filho, argumento de Joaquim Ribeiro, roteiro de Wilson Rodrigues, adaptação de Anélio Latini Filho e texto de locução também de Anélio Latini Filho. A fotografia é de Mário Latini. Filmado entre 1947 e 1952 no Rio de Janeiro, tem no elenco de vozes e locução Almirante, Matinhos, Nero Morales, Paulo Roberto, Sady Cabral, Stelinha Egg, Pascoal Longo, Abelardo Santos, Bartolomeu Fernandes e José Vasconcelos.



Cassiopeia [1996] acompanha a história do planeta fictício Ateneia, localizado na constelação de Cassiopeia, habitado por seres robóticos e ameaçado por invasores espaciais que drenam sua energia vital. Após o envio de um sinal de socorro pela astrônoma Liza, quatro heróis atravessam a galáxia em busca de uma forma de salvar o planeta. Primeira animação brasileira totalmente realizada em CGI, *Cassiopeia* tornou-se parte de uma disputa histórica com o filme norte-americano *Toy Story* pelo título de primeira animação integralmente digital do mundo. Em 2017, foi eleito pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como a 14ª melhor animação brasileira da história.



Cassiopeia [dur. 80 min], produzido pela NDR Filmes, tem direção de Clóvis Vieira e roteiro de Clóvis Vieira, Aloisio de Castro, José Feliciano e Robin Geld. A fotografia é de Pio Zamuner, a direção de arte de Clóvis Vieira e a música de Vicente Sálvia. Foi filmado entre janeiro de 1992 e janeiro de 1996, e o elenco principal é formado por Marcelo Campos, Cassius Romero, Fábio Moura, Hermes Barolli, Rosa Maria Baroli, Osmar Prado, Jonas Mello e Aldo César.

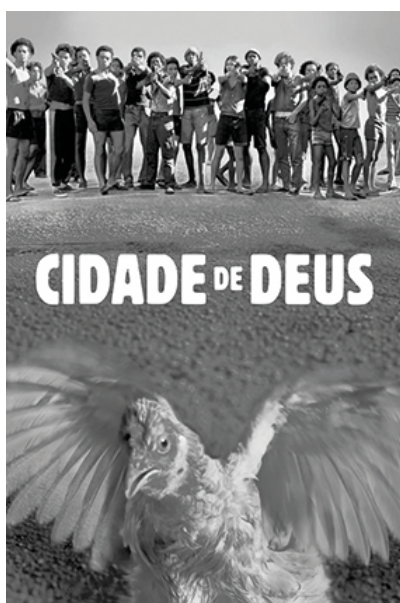
DIVERSIFICAÇÃO ESTÉTICA E CONSOLIDAÇÃO INTERNACIONAL

A sensibilidade para as ressonâncias históricas e afetivas das canções é um traço comum a muitos dos grandes diretores em atividade hoje, como Fernando Meirelles, Guel Arraes, Walter Salles e Kleber Mendonça Filho.

Adaptado da minissérie homônima exibida pela TV Globo em 1999, *O auto da Compadecida* [2000] acompanha João Grilo e Chicó, dois sertanejos pobres que sobrevivem graças à astúcia e ao improviso. Entre golpes, disputas com as autoridades locais e o encontro com um bando de cangaceiros, a dupla acaba diante de um julgamento celestial, em que temas como justiça, perdão e misericórdia são tratados com humor e inspiração na tradição popular nordestina. Baseado na peça *Auto da Compadecida* [1955], de Ariano Suassuna, com elementos de *O santo e a porca*, *Torturas de um coração* e *A pena e a lei*, além de influências de *Decamerão*, de Giovanni Boccaccio, e *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare, possui música de Sérgio Campelo, com direção musical e interpretação do grupo Sá Grama, cuja trilha combina referências da música tradicional nordestina e da estética armorial.



O auto da Compadecida, produzido pela Globo Filmes e Lereby Produções, tem direção de Guel Arraes e roteiro de Adriana Falcão, João Falcão e do próprio Guel Arraes. Filmado na cidade de Cabaceiras, no Sertão do Cariri paraibano, o elenco principal é formado por Matheus Nachtergaele, Selton Mello, Marco Nanini, Rogério Cardoso, Diogo Vilela, Denise Fraga, Luís Melo, Lima Duarte e Fernanda Montenegro. Maior bilheteria brasileira de 2000, recebeu os prêmios de melhor diretor, melhor roteiro, melhor ator e melhor lançamento no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.



Cidade de Deus foi produzido por O2 Filmes, Videofilmes e Miramax International, com coprodução de Globo Filmes, Lumière e Wild Bunch, direção de Fernando Meirelles e codireção de Kátia Lund, roteiro de Bráulio Mantovani. Baseado em histórias reais e no romance homônimo de Paulo Lins, conta com fotografia de César Charlone, direção de arte de Tulé Peake e música original de Antonio Pinto e Ed Côrtes. O elenco principal é formado por Alexandre Rodrigues, Leandro Firmino da Hora, Phellipe Haagensen, Jonathan Haagensen, Matheus Nachtergaele, Seu Jorge, Alice Braga, Douglas Silva, Gero Camilo e Roberta Rodrigues.

Em *Cidade de Deus*, a saga urbana acompanha o crescimento do conjunto habitacional de Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, entre o fim dos anos 1960 e o começo dos anos 1980, a partir do olhar de dois jovens da comunidade: Buscapé, que sonha em ser fotógrafo, e Dadinho, que se torna Zé Pequeno, um dos maiores traficantes da região. A narrativa acompanha a ascensão do tráfico de drogas, a disputa pelo controle do território e a guerra entre grupos rivais, enquanto Buscapé registra os acontecimentos com sua câmera. Considerado um dos filmes brasileiros de maior repercussão internacional, *Cidade de Deus* foi selecionado para o Festival de Cannes de 2002 e recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, incluindo reconhecimento pela direção, fotografia, montagem e atuação. Em 2003, conquistou quatro indicações ao Oscar: Melhor Direção, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Fotografia e Melhor Montagem. A morte de Cabeleira é uma das sequências mais comoventes do filme, justamente pelo contraste entre as imagens e a letra de *Preciso me encontrar*, samba de Candeia [1935–1978] imortalizado na voz de Cartola [1908–1980].

A história de *Lisbela e o prisioneiro* acompanha Lisbela, uma romântica do interior apaixonada por cinema, que vê sua vida transformada com a chegada de Leléu, um aventureiro que percorre o país em um caminhão, dividindo-se entre a venda de elixires e apresentações teatrais mambembes. Perseguido pelo cangaceiro Frederico Evandro, marido de Isaura, mulher que conquistou anteriormente, Leléu acaba cruzando seu destino com o de Lisbela, enquanto enfrenta também a oposição do pai da jovem, o tenente Guedes. Adaptação cinematográfica da peça de Osman Lins, o filme marcou a retomada do diálogo entre cinema, teatro e cultura popular nordestina na obra de Guel Arraes, destacando-se também pela trilha sonora coordenada por João Falcão e André Moraes.



Lisbela e o prisioneiro [dur. 106 min], foi produzido por Natasha Filmes, Uns e Outros Produções e Filmes Eireli, TCF Hungary Film Rights Exploitation Liability Company, Brasil Filmes Ltda. e Twentieth Century Fox Film Corporation, com coprodução da Globo Filmes e Estúdios Mega. Tem direção de Guel Arraes, roteiro de Guel Arraes, Jorge Furtado e Pedro Cardoso. A fotografia é de Uli Burtin, a direção de arte de Cláudio Amaral Peixoto e a música de João Falcão e André Moraes. Filmado em Recife (PE), estreou no Brasil em 2003. O elenco principal é formado por Selton Mello (Leléu), Débora Falabella (Lisbela), Virginia Cavendish (Isaura), Bruno Garcia (Douglas), Marco Nanini (Frederico Evandro), André Mattos (Tenente Guedes), Tadeu Mello (Cabo Citonho) e Heloísa Perissé (Prazeres).

O agente secreto aborda repressão política, vigilância estatal, memória, identidade e resistência. Ambientado durante a ditadura militar brasileira, o filme acompanha Marcelo, professor universitário que, após entrar em conflito com um poderoso industrial ligado ao regime militar, assume uma nova identidade; retornando a Recife, onde vivia, passa a ser perseguido por dois matadores contratados. Aclamado internacionalmente, o filme recebeu os prêmios de melhor direção, para Kleber Mendonça Filho, e melhor ator, para Wagner Moura, no Festival de Cannes, além dos prêmios FIPRESCI e Prix des Cinémas d'Art et Essai. A produção tornou-se uma das obras brasileiras de maior repercussão internacional, com indicações a importantes premiações e reconhecimento por sua abordagem da memória histórica e da ditadura militar no Brasil.



O agente secreto é um longa-metragem de drama, suspense e thriller político [dur. 158 min]. Produzido por CinemaScópio Produções, MK2 Films, Lemming Film, One Two Films e Arte France Cinéma, em coprodução entre Brasil, França, Países Baixos e Alemanha, tem direção e roteiro de Kleber Mendonça Filho e produção de Emilie Lesclaux. A fotografia é de Thales Junqueira, e a música original de Mateus Alves e Tomaz Alves de Souza. Filmado em Recife (PE) e São Paulo (SP), estreou mundialmente na Seleção Oficial do 78º Festival de Cinema de Cannes, e chegou aos cinemas brasileiros com distribuição da Vitrine Filmes. O elenco principal é formado por Wagner Moura, Maria Fernanda Cândido, Alice Carvalho, Gabriel Leone, Tânia Maria, Udo Kier, Carlos Francisco, Aline Marta Maia, Robério Diógenes, Luciano Chirolli, Roney Villela e Hermila Guedes.

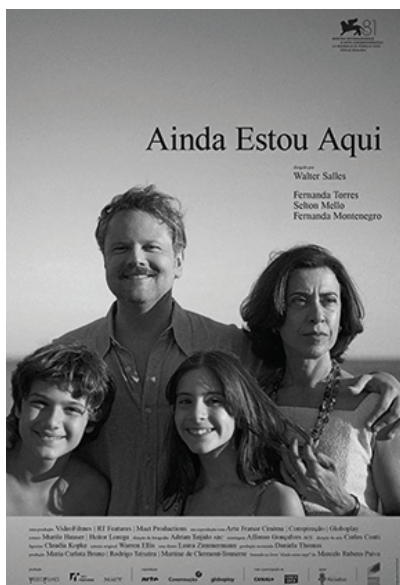
Em um futuro próximo, a pequena cidade de *Bacurau* [2019], no oeste de Pernambuco, enfrenta acontecimentos misteriosos após a morte de sua matriarca, Carmelita: enquanto drones sobrevoam a região e estrangeiros chegam ao local pela primeira vez, os moradores percebem que estão sendo alvo de um ataque e precisam se organizar coletivamente para resistir. A produção recebeu o Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 2019, tornando-se o segundo filme brasileiro a conquistar uma premiação na competição oficial do festival, após *O pagador de promessas* [1962], de Anselmo Duarte. Misturando elementos de diferentes gêneros cinematográficos com uma narrativa sobre resistência, identidade e comunidade, o filme recebeu diversos prêmios, incluindo o Grande Prêmio do Cinema Brasileiro de Melhor Filme e Melhor Direção.



Bacurau é um longa franco-brasileiro de drama, neo-western, terror, fantasia e ficção científica [dur. 132 min]. Produzido por Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt, tem direção e roteiro de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. A fotografia é de Pedro Sotero, a direção de arte de Thales Junqueira e a música original de Mateus Alves e Tomaz Alves Souza. Filmado em Barra, no município de Parelhas, e na zona rural de Acari, no Sertão do Seridó, Rio Grande do Norte, com cenas no Açude Gargalheiras. Estreou no Festival de Cannes com elenco principal formado por Sônia Braga, Udo Kier, Silvero Pereira, Bárbara Colen, Thomás Aquino, Karine Teles, Antonio Saboia, Lia de Itamaracá, Wilson Rabelo e Carlos Francisco.

Baseado na autobiografia de Marcelo Rubens Paiva, *Ainda estou aqui* [2024] retrata a trajetória de Eunice Paiva, que, após a prisão e o desaparecimento de seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva, durante a ditadura militar brasileira, transforma-se em uma defensora dos direitos humanos. A narrativa acompanha sua luta para criar os filhos, buscar a verdade sobre o destino do marido e reconstruir a própria vida. Aclamado internacionalmente, o filme recebeu a Osella de Ouro de Melhor Roteiro no Festival de Veneza, tornou-se um grande sucesso de público no Brasil e entrou para a história ao vencer o Oscar de Melhor Filme Internacional, tornando-se o primeiro filme brasileiro a conquistar essa categoria, além de receber indicações ao Oscar de Melhor Filme e Melhor Atriz para Fernanda Torres. Em 2026, foi incluído na lista da Abraccine dos 100 filmes brasileiros mais importantes de todos os tempos. Em *Ainda estou aqui* [2024], o filme empresta sua força a *É preciso dar um jeito, meu*

amigo: escutamos a canção de Erasmo [1941–2022] e Roberto Carlos [1941] pela primeira vez logo na cena de abertura, enquanto vemos imagens da família Paiva reunida. Quando ela retorna nos créditos finais, torna-se mais nítido o fato de que ela carrega a dor e a indignação dessa família e de tantas outras que foram dilaceradas pela ditadura militar.



Ainda estou aqui, drama biográfico produzido por VideoFilmes, tem direção de Walter Salles e roteiro de Murilo Hauser e Heitor Lorega. A música é de Warren Ellis. Estreou no Festival Internacional de Cinema de Veneza, com elenco principal formado por Fernanda Torres, Fernanda Montenegro e Selton Mello.



Acesse esta e demais edições da *Revista Uirapuru*.



Assista ao Falando de Música da semana.



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Desde seu primeiro concerto, em 1953, a Osesp tornou-se parte indissociável da cultura paulista e brasileira, promovendo transformações culturais e sociais profundas. A cada ano, a Osesp realiza em média 130 concertos para cerca de 150 mil pessoas. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop. Seus antecessores foram Yan Pascal Tortelier, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Bruno Roccella e Souza Lima. Além da Orquestra, há um coro profissional, grupos de câmara, uma editora de partituras e uma vibrante plataforma educacional. A Osesp já realizou turnês em diversos estados do Brasil e também pela América Latina, Estados Unidos, Europa e China, apresentando-se em alguns dos mais importantes festivais da música clássica, como o BBC Proms, e em salas de concerto como o Concertgebouw de Amsterdã, a Philharmonie de Berlim e o Carnegie Hall em Nova York. Mantém, desde 2008, o projeto “Osesp Itinerante”, promovendo concertos, oficinas e cursos de apreciação musical pelo interior do estado de São Paulo. Em 2026, a Osesp se torna a primeira orquestra brasileira a gravar pelo Selo Deutsche Grammophon. É administrada pela Fundação Osesp desde 2005.



Wagner Polistchuk
regente

Wagner Polistchuk é trombone solista emérito da Osesp, onde também atua como professor de trombone e regência da Academia de Música. Atual regente da Orquestra Experimental de Repertório, já esteve à frente da Sinfônica Municipal de São Paulo, da Filarmônica de Mendonza, na Argentina, da Sinfônica Nacional do Peru (OSN) e da Hermitage, na Suíça, além da própria Osesp, em diversas ocasiões. Foi diretor artístico da tradicional Camerata Antiqua de Curitiba, entre 2009 e 2011, grupo com a qual gravou *Versos brasileiros* [2007], e regente principal da Sinfônica da USP, de 2012 a 2014, à frente da qual lançou *Carlos Gomes, Villa-Lobos, Omar Fontana, Guarnieri, Guerra-Peixe* (Independente, 2013) e *Pitombeira, Rachmaninov e Strauss*. Em 1998, obteve o 2º lugar no 5º Concurso Latino-Americano de Regência Orquestral da OSUSP. Em 2002, foi premiado no Concurso Internacional de Regência Prix Credit Suisse, na Suíça e no Concurso Nacional Eleazar de Carvalho para Jovens Regentes.

Coro Acadêmico da Osesp



Criado em 2013 com o objetivo de formar profissionalmente jovens cantores, o grupo é composto pelos alunos da Classe de Canto da Academia de Música da Osesp, sob regência de Marcos Thadeu. Oferece experiência de prática coral, conhecimento de repertório sinfônico para coro e orientação em técnica vocal, prosódia e dicção, além da vivência no cotidiano junto ao Coro da Osesp. Em 2021, a Classe foi reconhecida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo como Curso Técnico, com o Diploma Técnico Profissionalizante de Nível Médio. O grupo se apresenta regularmente em concertos com o Coro da Osesp e Osesp. Em 2024, esteve na ópera *Amor azul*, de Gilberto Gil e Aldo Brizzi, e no Festival de Inverno de Campos do Jordão [2024], com a USP Filarmônica. Destacam-se também as apresentações *Francisco(s)* [2023] e *Rasga o coração* [2022] junto ao Studio3 Cia. de Dança.

Leonardo Labrada

regente do Coro
Acadêmico da Osesp



Regente assistente da Orquestra Experimental de Repertório, foi aluno da Academia de Regência da Osesp, e é doutorando em análise musical na Unesp. Foi maestro associado da Filarmônica de Goiás [2019–2021] e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás desde 2014. É membro do ABSTRAI Ensemble. Em 2022 e 2023, foi diretor musical do Atelier de Composição Lírica do Theatro São Pedro. É regente convidado da Camerata da Academia da Osesp e do Coro Acadêmico da Osesp. Em 2025, estreou sua ópera *Oposicantos*.

Coro Madrigal da Escola Municipal de Música



O Madrigal da Escola Municipal de Música de São Paulo é um grupo dedicado ao aprimoramento do canto camerístico e à formação artística de seus integrantes. Seu repertório contempla obras corais a cappella, com especial atenção à música renascentista e às produções dos séculos XX e XXI. Com apresentações semestrais em importantes espaços culturais da cidade e a realização de atividades integradas aos Corpos Artísticos do Theatro Municipal de São Paulo, o grupo proporciona experiências significativas de palco e aproxima seus integrantes da prática coral profissional.

Maíra Ferreira

regente do Coro
Madrigal da Escola
Municipal de Música



Maestra titular do Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo, desenvolve ainda importante trabalho de formação musical, como regente do Coro Adulto da Escola Municipal de Música de São Paulo. Maíra é bacharel em regência e em piano pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em regência pela Butler University, nos Estados Unidos. Tem se apresentado como regente convidada de importantes conjuntos brasileiros, como o Coro da Osesp e a Orquestra Experimental de Repertório.



Aílton Graça

ator

No teatro, Aílton Graça atuou em *A vida que pedi*, *Adeus, Os intocáveis* e *Diálogo noturno com um homem vil*. O ator também participou de muitas novelas, como *América*, *Avenida Brasil*, *Totalmente demais*, *O sétimo guardião*, *Salve-se quem puder* e *Travessia*, e das séries *Carcereiros* e *Cidade proibida*. Com uma carreira cinematográfica que coleciona sucessos como *Carandiru*, *A guerra dos Rocha*, *Meu tio matou um cara*, *Verônica*, *Bróder*, *O pai da Rita* e *Correndo atrás*, estrelou a cinebiografia *Mussum, o filmis*, dirigido por Silvio Guindane e premiado no Festival de Gramado na categoria de Melhor Ator.



Júlia Sanchez

atriz e cantora

Graduada em Licenciatura em Arte-Teatro pela UNESP e com Técnico em Atuação para Teatro Musical pelo SESI/SP, integrou o elenco de produções de grande prestígio, como *Elis, a musical* (direção de Dennis Carvalho), *Tatuagem* (direção de Kleber Montanheiro) e *Elza* (direção de Duda Maia) — espetáculos que celebram a memória e os grandes ícones da cultura brasileira. No ramo musical, a cantora e compositora lançou o EP autoral *Metamorfose*, tecendo uma sonoridade refinada que dialoga com a MPB, o blues, o samba e o pop.



Rodrigo Mancusi

ator e cantor

Em 2024, lançou seu álbum solo, *Notícias de longe*, e participou do Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto e do Pitching Musical de Formemus, onde conquistou o prêmio de Melhor Videoclipe com a canção *Veneno*. Também atuou como músico e ator no espetáculo “Autorretrato”, produzido pela Amstel com direção de Felipe Hirsch, e participou da sexta temporada do programa *Canta Comigo*. Já se apresentou em espaços como o Auditório Ibirapuera, Casa Natura Musical, Cine Joia, Mundo Pensante e Rockambole.

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp

Diretor Musical e Regente Titular

Thierry Fischer

Violinos

Emmanuele Baldini **spalla**

Davi Graton **spalla convidado para a temporada 2026**

Yuriy Rakevich **solista - primeiros violinos**

Amanda Martins **solista - segundos violinos**

Leandro Dias **solista - segundos violinos***

Igor Sarudiansky **concertino - primeiros violinos**

Matthew Thorpe **concertino - segundos violinos**

Alexey Chashnikov

Anderson Farinelli

Andreas Uhlemann

Camila Yasuda

Carolina Kliemann

César A. Miranda

Cristian Sandu

Elena Klementieva

Elina Suris

Florian Cristea

Gheorghe Voicu

Guilherme Peres

Irina Kodin

Katia Spássova

Leonardo Bock

Marcio Kim

Michael Machado

Paulo Paschoal

Rodolfo Lota

Soraya Landim

Sung-Eun Cho

Svetlana Tereshkova

Tatiana Vinogradova

Violas

Horácio Schaefer **solista | emérito**

Maria Angélica Cameron **concertino**

Peter Pas **concertino**

André Rodrigues

Andrés Lepage

David Marques Silva

Éderson Fernandes

Galina Rakhimova

Olga Vassilevich

Sarah Pires

Simeon Grinberg

Vladimir Klementiev

Violoncelos

Kim Bak Dinitzen **solista**

Heloisa Meirelles **concertino**

Rodrigo Andrade **concertino**

Adriana Holtz

Bráulio Marques Lima

Douglas Kier

Jin Joo Doh

Maria Luísa Cameron

Marialbi Trisolio

Regina Vasconcellos

Contrabaixos

Ana Valéria Poles **solista | emérita**

Pedro Gadelha **solista**

Marco Delestre **concertino**

Max Ebert Filho **concertino**

Alexandre Rosa

Almir Amarante

Cláudio Torean

Jefferson Collacico

Ney Carvalho

Flautas

Claudia Nascimento **solista**

Fabíola Alves **flauta | piccolo**

Lincoln Sena

Sávio Araújo

Oboés

Arcadio Minczuk **solista | emérito**

Ricardo Barbosa **solista**

Natan Albuquerque Jr. **oboé | corne-inglês**

Peter Apps

Clarinetes

Ovanir Buosi **solista**

Sérgio Burgani **solista | emérito**

Nivaldo Orsi **clarinete | clarone**

Daniel Rosas **clarinete | requinta**

Giuliano Rosas

Fagotes

Alexandre Silvério **solista**

José Arion Liñarez **solista**

Romeu Rabelo **fagote | contrafagote**

Francisco Formiga

Trompas

Luiz Garcia **solista**

André Gonçalves

José Costa Filho

Nikolay Genov

Daniel Filho

Luciano Amaral

Trompetes

Marcos Motta **solista***

Antonio Carlos Lopes Jr.

Marcelo Matos

Trombones

Darcio Gianelli **solista**

Wagner Polistchuk **solista | emérito**

Alex Tartaglia

Fernando Chipoletti

Trombone baixo

Darrin Coleman Milling **solista**

Tuba

Filipe Queirós **solista**

Tímpanos

Elizabeth Del Grande **solista | emérita**

Rubén Zúñiga **solista**

Percussão

Ricardo Righini **1ª percussão**

Alfredo Lima

Armando Yamada

Harpa

Liuba Klevtsova **solista**

Convidados da temporada 2026

Abner Landim **violino**

Monique Cabral **violino**

Sávio Chagas **violino**

Simone Elenciuç **violino**

Luis Felliçe **viola**

Guilherme Moraes **violoncelo**

Edmilson Gomes **trompete**

Thiago Lamattina **percussão**

Convidados deste programa

Luis Felliçe **viola**

Guilherme Moraes **violoncelo**

Tiago Meira **flauta**

Franklin de Sousa **oboé**

Douglas Braga **saxofone**

Sandra Ribeiro **fagote**

Vítor Ferreira **trompa**

Allan Marques **trompete**

Eric Molina **trompete**

Paulo Henrique Furquim **trombone****

Guilherme Araújo **percussão**

Marcel Balciunas **percussão**

Renato Santos **percussão**

Cinthia Sell **piano**

Juliana Ripke **celesta e teclado**

Abner Phelipe **guitarra e violão**

Gustavo D'ippolito **baixo elétrico**

Paulinho Vicente **bateria**

* Interino

** Academista da Osesp

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

Coro Acadêmico da Osesp

Regente Titular

Marcos Thadeu Gomes

Sopranos

Ana Paula Ferreira
Bruna Pércia
Bruna Soares
Fernanda Zappelsoni
Isabella Ribeiro
Jhoanna Hidalgo Morales
Joyce Coutinho
Julia Polim
Katherine de Andrade

Mezcos e contraltos

Brenda Umbelino
Graziela Oliveira
Isabella Grossi
Julia Andreotti
Luiza Freitas
Verônica Rosa

Tenores

Gabriel Pottel
Lázaro Aleixo
Luan Augusto
Maicon Pereira
Robson Godoy

Barítonos e baixos

Vitor Barrak
Luan Strombek

Pianista correpetidora

Juliana Ripke

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

Coro Madrigal da Escola Municipal de Música

Regente Titular

Maíra Ferreira

Sopranos

Alicia Ripina
Aline Maia
Joyce Coutinho
Larissa Godoy
Sandy Chaves
Sophia Alfonso

Contraltos

Giulia de Castro
Millena Furlaneto

Tenores

Jean Mendes
Miguel Moreira
Ricardo Cerqueira
Robson Godoy

Baixos

Felipe Gazoni
Henrique Santin
Miguel Marques

Pianista correpetidor

Felipe Bernardo

Os nomes estão relacionados em ordem alfabética, por categoria. Informações sujeitas a alterações.

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

Secretária de Estado

Marília Marton

Secretário Executivo

Marcelo Henrique Assis

Subsecretário

Daniel Scheiblich Rodrigues

Chefe de Gabinete

Vicenzo Carone

Diretora de Difusão, Formação e Leitura

Jenipher Queiroz de Souza

Diretora de Preservação do Patrimônio Cultural

Mariana de Souza Rolim

Diretora de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas

Liana Crocco

Chefe de Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

Marina Sequetto Pereira

Fundação Osesp

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente **presidente**
Stefano Bridelli **vice-presidente**
Ana Carla Abrão Costa
Célia Kochen Parnes
Jackson Scheider
Jefferson Collacico
Luiz Lara
Mario Engler Pinto Junior
Sylvia Coutinho
Tatyana Vasconcelos Araújo de Freitas

Comissão de Nomeação

Fernando Henrique Cardoso **presidente**
Celso Lafer
Fábio Colletti Barbosa
Horacio Lafer Piva
Pedro Moreira Salles

Presidente e CEO

Marcelo Lopes

Diretor Jurídico, Financeiro e Administrativo

Fausto Arruda

Diretora de Gestão de Pessoas

Flavia Adrião

Diretora de Comunicação e Marketing

Mariana Stanisci

Superintendente de Planejamento Artístico

Gabriela Martins de Souza

Superintendente Educacional

Rogério Zaghi

Superintendente de Operações

Daniela Viegas Marcondes

Conheça toda a equipe em:
fundacao-osesp.art.br/fosesp/pt/sobre

Próximos concertos

16 DE AGOSTO

Câmara: Barroco e música sacra do Brasil Colonial

O programa destaca compositores do período colonial brasileiro, como Manoel Dias de Oliveira, autor da *Missa de oitavo tom*, e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, com sua famosa *Salve Regina*. O concerto se encerra com o compositor Buxtehude, unindo contraponto germânico e dramaticidade italiana.

20, 21 E 22 DE AGOSTO

Réquiem de Verdi: música que toca o infinito

Quando Rossini faleceu, em novembro de 1868, Verdi decidiu homenageá-lo com um réquiem coletivo. Todos cumpriram com sua parte no projeto; no entanto, problemas financeiros o impediram de ir adiante. Em 1873, Verdi então retomou seu réquiem italiano: desta vez, em homenagem a Manzoni. A *Missa de Réquiem* será interpretada pela Osesp e pelos Coros com a presença do regente americano Andrew Litton e de solistas do Brasil e da China.



Agenda completa
e ingressos

Primeira vez na Sala? Algumas dicas

Após o terceiro sinal, a Sala de Concertos é fechada – quando for possível entrar após o início da apresentação, siga as instruções dos indicadores e ocupe discretamente o primeiro lugar vago.

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim.

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

O consumo de alimentos não é permitido no interior da Sala: conheça nossas áreas destinadas a isso – o **Restaurante Vivace**, o **Café da Sala** e a **Cafeteria Lillas Pastia** (no interior da **Loja Clássicos**).

Acesso à Sala

Nosso **estacionamento** funciona das 6h às 22h ou até o fim do evento.

O pagamento pode ser feito no 1º subsolo ou no Hall Principal.

No Boulevard, há o estande da **Use Táxi** para agendamento de viagens, e uma área interna para embarque e desembarque de passageiros.

Também é possível acessar a Sala por **trem** e **metrô**, por meio da passagem que liga o estacionamento com a Estação Luz, aberta das 6h às 23h30; ou ainda, ao sair pelo Boulevard, seguir pela Praça Júlio Prestes à estação de trem de mesmo nome, com acesso à Linha 8 Diamante da ViaMobilidade.



Confira todos os horários de funcionamento e detalhes em: salasaopaulo.art.br/salasp/pt/gastronomia-loja

www.osesp.art.br

 @osesp_

 /osesp

 /videososesp

 @osesp

escute a osesp

 spotify

 apple music

 deezer

 amazon music

 idagio

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_

 /salasaopaulo

 /salasaopaulodigital

 @salasaopaulo

escute as playlists da sala

 apple music

www.fundacao-osesp.art.br

 /company/fundacao-osesp/

Uirapuru – Revista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - Osesp
Praça Júlio Prestes, nº 16, São Paulo, SP

Periodicidade seriada em fluxo contínuo, com edições dedicadas a cada programa de concerto.

Expediente

Jéssica Cristina Jardim **coordenação editorial**

Pablo Mazzuco **coordenação do projeto gráfico**

Bernardo Cintra **designer**

Silas Oliveira **designer**

Miguel Levi Molina **assistente editorial**

Textos, pesquisa e iconografia da edição Osesp celebra cinema brasileiro: Jéssica Cristina Jardim, Paulo Sampaio e Miguel Levi Molina.

Imagens

P. 8-24 Imagens de filmes inseridas na nota de programa.

©Cinemateca Brasileira

P. 25 Osesp. ©Mario Daloia

P. 26 Wagner Polistchuk. ©Mario Daloia

P. 27 Coro Acadêmico da Osesp. ©Laura Manfredini

P. 27 Leonardo Labrada. ©Rafael Salvador

P. 28 Coro Madrigal da Escola Municipal de Música. Divulgação

P. 28 Maíra Ferreira. Divulgação

P. 29 Aílton Graça. Divulgação

P. 29 Júlia Sanchez. Divulgação

P. 29 Rodrigo Mancusi. Divulgação

Agradecimentos

Para trazer ao palco as imagens que dialogam com a música do cinema brasileiro, contamos com o generoso apoio institucional de diversos parceiros, aos quais somos imensamente gratos:

Cinemateca e Sociedade

Amigos da Cinemateca

MSP Estúdios

(Turma da Mônica)

Video Filmes

O2 Filmes

L C Barreto

NDR Produções

Metrópoles

Produções

Daniela de Rossi

Cordeiro de Mello,

Massimo de Rossi

Patrícia de Rossi

Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas, Fundação Osesp e Bradesco apresentam.

**A gente
valoriza
a cultura.
A cultura
valoriza
as pessoas.**

Bradesco, patrocinador
oficial da Osesp.



PATROCÍNIO



Lei Rouanet



bradesco

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

**MINISTÉRIO
DA CULTURA**

PRONAC 254480



O uirapuru é um pequeno pássaro da Amazônia, conhecido por seu canto raro e melodioso. Diz-se que traz sorte, amor ou transformação.

A lenda indígena inspirou Villa-Lobos no poema sinfônico-bailado *Uirapuru* [1917], que sugere o universo fantástico da ave por meio de solos de instrumentos de sopro.

É dessa imagem de um canto raro e profundamente ligado à paisagem sonora do Brasil que nasce também o nome da revista da Osesp.

Uirapuru © Comunicação Fundação Osesp, agosto de 2026



Lei Rouanet

**Programa de Ação Cultural
ProAC ICMS**

PATROCÍNIO



COPATROCÍNIO



**CESCON
BARRIEU**
ADVOGADOS

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**
Secretaria da Cultura,
Economia e Indústria Criativas

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



PRONAC: 254480